

FREI ANTÔNIO DO ROSÁRIO (1647-1704)

Berty R.R. Biron

PPRLB

O bibliógrafo e escritor português Diogo Barbosa Machado (1682-1772), na sua obra *Biblioteca lusitana* (p. 377-378), informa que frei Antônio do Rosário nasceu em Lisboa, no ano de 1647, filho de João do Couto e de Maria Luques. O jovem Antônio, ao abraçar a vida religiosa na Ordem dos Agostinhos Descalços, em Lisboa, no convento do Monte Olivete, passa a se denominar frei Antônio de Santa Maria.

Não tarda em se tornar lente de Filosofia, pregador e visitador-geral. Transcorridos alguns anos, por volta de 1686, viaja para o Brasil e ingressa na Ordem dos Frades Menores, na província Capucha de Santo Antônio do Brasil, onde atua como missionário apostólico. Em 1689, ao mudar de Ordem religiosa e ser admitido no Convento de Olinda, troca de nome por devoção a Nossa Senhora do Santíssimo Rosário.

Por volta de 1701, assume o cargo de guardião do Convento dos Capuchinhos, em São Salvador da Bahia, onde falece três anos depois, em 1704.

O bibliógrafo Inocêncio Francisco da Silva, em seu monumental *Dicionário bibliográfico português* (1858), ratifica os dados de Diogo Barbosa Machado.

Ao longo dos últimos séculos, foram divulgadas poucas informações a respeito de frei Antônio do Rosário e de sua produção intelectual. Entretanto, sua obra mais significativa, *Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarquia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário*, teve apenas duas edições no século XIX, de 1828 e 1830, que vieram a lume lamentavelmente mutiladas, sem o prefácio do autor e outras partes. Em 2002, é publicado um fac-símile da edição príncipes de 1702, em Lisboa, pela Biblioteca Nacional de Portugal, com apresentação de Ana Hatherly; posteriormente, surge um segundo fac-símile da edição príncipes, em 2008, editado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com apresentação de Marco Lucchesi.

Convém destacar algumas apreciações elaboradas por estudiosos, ao longo do século XX. O crítico Wilson Martins menciona, em *História da inteligência brasileira*, a obra *Frutas do Brasil*: “Abrindo a série ilustre e menos ilustre da interpretação alegórica da flora brasileira [...]” (1978, p. 239). Segundo o crítico, frei Antônio do Rosário “[...] começara a edificar a sua república botânica de fantasia” (1978, p. 239).

Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira*, registra o seguinte comentário, em nota de rodapé: “[...] filiando-o na corrente da celebração da fauna e da flora brasileira, que assume categoria realmente literária com Frei Antônio do Rosário, ponto de condensação dos cronistas e inspirador provável dos escritores subsequentes” (1981, p. 181).

O historiador e crítico literário, Sergio Buarque de Holanda, em *Visão do Paraíso*, desenvolve amplamente a visão simbólica e deslumbrada da natureza, tão bem descrita pelos escritores, ao se depararem com o Novo Mundo: “E que, talvez, em algum lugar remoto, resguardado do resto do mundo pela imensidão dos mares, e entre gentes tão nuas de roupas quanto de vícios, se acharia alguma imagem, atenuada embora, daquilo que foi o Paraíso” (1992, p. 196-197).

Recentemente, Jean Delumeau, em *Uma história do Paraíso*, constata a ligação entre a descoberta das Américas e uma nova ideia de paraíso, e cita *Frutas do Brasil* “[...] como uma das obras paradigmáticas da evolução do pensamento ocidental desse fenômeno” (1994, *apud* HATHERLY, 2002, p. 13).

Frutas do Brasil parece inaugurar um modelo metafórico que teria tido diversos seguidores até chegar a André João Antonil em sua *Cultura e opulência do Brasil* (1711). E, como bem observa Marco Lucchesi, o religioso seria “Uma ponte entre Vieira e Antonil, se aqui fossem convocados os Sermões do Rosário” (2008, p. 1).

O Novo Mundo apresentava-se aos olhos dos desbravadores como a *terra da promessa*. O Brasil, de fato, era favorecido por clima ameno, abundância das águas, variedade de frutas, beleza das flores e quantidade de pedras preciosas. Enfim, a América correspondia, para os europeus, a uma terra abençoada, que conservava aspectos do Jardim do Éden. Associar as belezas naturais do Brasil às maravilhas da Terra Prometida parece ter sido algo que se impunha aos colonizadores – o mundo entendido como criação divina, onde os frutos podiam ser colhidos em abundância. Na ótica do conquistador português e do missionário católico, as maravilhas naturais do Brasil estavam associadas às da Terra Prometida.

Observa-se, à época do Barroco português, que padre Antônio Vieira escreveu trinta sermões e sóror Maria do Céu compôs cinco autos. Tais obras inserem-se no culto mariano, pois foram dedicadas à Virgem do Rosário, como também *Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarquia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário*.

Frei Antônio do Rosário retrata, nos três sermões, em linguagem direcionada e convincente, o discurso do evangelizador. O religioso exalta a terra, a América Portuguesa e seus frutos, onde vislumbra a possibilidade de dilatar o reino da cristandade. Trata-se de uma obra de caráter missionário, do barroco luso-brasileiro, em

que o autor, ao apresentar e ilustrar o conteúdo da obra, ensina os leitores a apreciarem as diversas frutas e riquezas do Brasil Colônia, esteio econômico de Portugal.

São ao todo trinta e seis frutas, dentre as quais se destacam: o ananás, a cana-de-açúcar, o mamão, a jabuticaba, o caju, a fruta-do-conde, a mangaba, a pitanga, o maracujá, cujos predicados devem ser imitados ou evitados, conforme a propriedade de cada uma. Dessa forma, o escritor procura sugerir que cada fruta corresponde aos três estados da Monarquia: clero, nobreza e povo.

Por fim, frei Antônio do Rosário evidencia, no “pomar simbólico”, a superioridade das frutas do Novo Mundo (Brasil) em contraposição às flores, que representam o Velho Mundo (Europa). Por meio de um discurso alegórico, o religioso opera uma transposição do conhecimento da natureza física para o plano da ética e do espiritual, coerentemente com seu trabalho missionário.

REFERÊNCIAS:

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Lisboa, 1711. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª. ed. v. 1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

HATHERLY, Ana. Frutas do Brasil: um rosário para o novo mundo. In: *Convergência Lusíada, Brasil e Portugal: 500 anos de enlances e desenlaces*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 17, p. 31-43, 2000.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca lusitana*. Lisboa: Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, v. 2, [s.d.].

MARTINS, Wilson. *Historia da inteligência brasileira*. 3ª. ed. v. 1. São Paulo: Cultrix, 1978.

ROSÁRIO, Antônio do. *Frutas do Brasil: numa nova, e ascética Monarquia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário*. Fac-símile da edição de Lisboa: António Pedroso Galvão, 1702. Apresentação de Ana Hatherly. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

_____. *Frutas do Brasil: numa nova, e ascética Monarquia consagrada à Santíssima Senhora do Rosário*. Fac-símile da edição de Lisboa: António Pedroso Galvão, 1702. Apresentação de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

MINICURRÍCULO:

Berty R.R. Biron é graduada em Letras Modernas (1974), mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1988) e doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1998). Prefaciou o texto de *Caramuru poema épico do descobrimento da Bahia*, composto por Frei José de Santa Rita Durão, para o volume *Épicos* (São Paulo, EDUSP, 2008). É membro do Polo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras, do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura. Tem experiência na área de Letras, com ênfase na Literatura Luso-Brasileira Setecentista.